



**GÊNEROS
DISCURSIVOS E
ESTRANGEIRISMOS
LEXICAIS:
ANALISANDO
ATIVIDADES DE UM
LIVRO DIDÁTICO
DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

Patrícia Maria da Silva

Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Rede Estadual de Educação de Goiás no Colégio Estadual Dr. David Persicano.
E-mail: patriciagog2009@hotmail.com.

Resumo

Os estrangeirismos constituem um meio de ampliação frequente e produtivo na língua. No contexto do Ensino de Língua Inglesa para a Educação de Jovens e Adultos, EJA, os estrangeirismos, principalmente os anglicismos, são estudados com a finalidade de constatar a presença marcante do inglês no português brasileiro. Partindo dessas considerações, a presente pesquisa tem como objetivo contribuir para o aprimoramento das atividades sobre estrangeirismos propostas em um livro didático da EJA, objetivando destacar a importância dos estudos do léxico como um componente da textualidade. Para isso, levantamos como os documentos oficiais para o ensino de Língua Inglesa do ensino médio da EJA abordam os estudos dos estrangeirismos. Após constatar que, nesses documentos, os estudos da gramática e do léxico devem estar centrados no texto, coletamos e analisamos os exercícios em que os estrangeirismos aparecem atrelados aos gêneros discursivos. Nossa análise incidiu sobre o livro didático: “Linguagens e culturas: linguagem e códigos: ensino médio: educação de jovens e adultos” (ALMEIDA, 2013), atualmente usado nas aulas de língua inglesa. Então, refletimos sobre como as atividades exploram os estrangeirismos, buscando apoio nos pressupostos teóricos da neologia de empréstimos, voltando o olhar para o estudo do léxico na sala de aula. Dentre os estudiosos do assunto, destacamos: Alves (1994), Biderman (2001), Carvalho (2009), Ferraz (2006) e Contiero e Ferraz (2014).

Palavras - chave: Gêneros discursivos. Estrangeirismos lexicais. EJA. Livro didático.

Abstract

Foreignisms are a means of frequent and productive expansion in the language. In the context of English Language teaching for youth and adult education, EJA, foreignisms, especially anglicisms are studied in order to verify the marked presence of English in the Portuguese country. Based on these considerations, this research aims to contribute to the improvement of the activities on foreignness proposed in an EJA textbook, aiming to highlight the importance of lexicon studies as a component of textuality. To this end, we raise how the official documents for the English Language teaching of EJA high school approach the studies of foreignness. After verifying that, in these documents, the studies of grammar and lexicon should be centered on the text, we collect and analyze the exercises in which foreignness appears linked to discursive genres. Our analysis focused on the: “Languages and cultures: language and codes: high school: youth and adult education” (ALMEIDA, 2013), currently used in English language classes. So, we reflect on how the activities exploit the foreignness, seeking support in the theoretical assumptions of loan neology, looking at the study of the lexicon in the classroom. Among the scholars of the subject, we highlight: Alves (1994), Biderman (2001), Carvalho (2009), Ferraz (2006) and Contiero e Ferraz (2014).

Keywords: Discursive genres. Lexical foreignness. EJA. Textbook.

INTRODUÇÃO

O tema que apresentamos neste trabalho considera a importância do léxico de uma língua para entender a cultura e o modo de viver de um povo, já que cada comunidade constrói o seu acervo lexical de acordo com a sua história de vida, seus costumes, e, por isso, os conceitos de cultura e identidade estão em estreita relação nesse contexto.

Considerando que toda língua viva é dinâmica, mutável e evolui historicamente, sua característica mais marcante é a mudança, que de acordo com Ferraz (2006), se manifesta em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. Nas relações cotidianas, o léxico constitui uma forma de registrar a visão de mundo por meio de novas formações vocabulares que vão surgindo para nomear ideias, objetos e conceitos de acordo com a realidade histórica e cultural das pessoas.

Assim, em conformidade com os acontecimentos que afetam a humanidade, novas unidades linguísticas surgem para designar situações inéditas. Essas palavras, muitas vezes, são importadas de outros sistemas linguísticos, sendo nomeadas a princípio como “estrangeirismos”.

No atual cenário mundial, estamos nos deparando com uma grande entrada de estrangeirismos para informar a respeito da pandemia mundial da COVID-19. De acordo com os estudiosos da neologia de empréstimos, dentre eles Ferraz (2006) e Carvalho (2009), a entrada dos estrangeirismos na língua portuguesa brasileira acontece principalmente por meio da escrita, atualmente atestada nas linguagens técnicas, científica, jornalística e publicitária. Também é unânime, dentre os estudiosos desse assunto, que a maioria dessas palavras são de procedência da língua inglesa.

Desse modo, como professora de inglês na rede estadual de ensino do estado de Goiás, atuando no Ensino Fundamental II, Ensino Médio regular e nas 2ª e 3ª etapas da Educação de Jovens e Adultos, doravante EJA há mais de 15 anos, trago comigo uma inquietação constante em relacionar os estudos da língua inglesa ao que está acontecendo no mundo, mostrando que uma língua viva está em constante movimento e acompanhando a história da humanidade.

Considerando todos esses fatores e tendo em vista que o currículo da EJA para o ensino de língua inglesa traz como eixo temático a compreensão e produção de diferentes gêneros discursivos em língua inglesa, e, ainda, que no livro didático há um capítulo destinado ao estudo dos estrangeirismos, enxergamos a necessidade de analisar as atividades sobre estrangeirismos lexicais, vislumbrando possibilidades de melhoria. Então, nosso objeto de análise tem como corpus a obra: *Linguagens e culturas: linguagem e códigos: ensino médio: educação de jovens e adultos* (ALMEIDA, 2013), atualmente usado nas aulas de língua inglesa (EJA) da referida etapa em análise.

Com base nisso e apoiando-se nos documentos oficiais que regem a educação no Brasil, dentre eles os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs (1998), e a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (BRASIL, 2018), elencamos nosso objetivo de investigar as atividades do livro proposto, visando entender como as atividades sobre os estrangeirismos por meio dos gêneros discursivos permitem o desenvolvimento da competência lexical como um componente da textualidade.

As discussões acerca dos gêneros discursivos não é um assunto recente. De acordo com Rojo (2015), elas têm estado conosco desde a Grécia Antiga, encontrando nas últimas décadas o caminho da sala de aula. O conceito de gêneros discursivos passou a

ser conhecido e divulgado no Brasil, principalmente pela leitura e reflexão dos gêneros discursivos de Bakhtin (1997), em que o autor deixa claro a heterogeneidade dos gêneros do discurso.

Bakhtin explica que a diversidade dos gêneros discursivos acontece porque a língua é um fenômeno mutável, que por meio da interação entre os indivíduos está em constante evolução e criação, considerando sempre a possibilidade de modificações. Levando em consideração a visão de Bakhtin (1997), percebe-se que as mudanças sociais e históricas pelas quais passamos no decorrer dos tempos modificam a língua que se adapta para acompanhar as diferentes esferas das atividades humanas.

Considerando esse contexto e visando contemplar nossos objetivos, além de nos basearmos nos documentos supracitados que regem a educação brasileira, nos apoiaremos teoricamente nos pressupostos da neologia de empréstimos, dando relevância aos estudos de Biderman (2001), Alves (1994), Ferraz (2006, 2007), Contiero e Ferraz (2014), Carvalho (2009), e nas abordagens de Antunes (2008, 2012), no que diz respeito ao estudo do léxico na sala de aula. Quando nos referirmos aos gêneros discursivos, nossa base teórica se apoiará em Bakhtin (1997), considerando sua abordagem para o ensino de línguas.

DESENVOLVIMENTO

1. A neologia de empréstimos

A palavra neologismo é um termo híbrido composto por um radical proveniente do latim NEO (nova) e LOGOS (palavra) do grego, significando, então, “palavra nova”. Biderman (2001) explica que o léxico de uma língua é um sistema aberto e sujeito a novas criações, que acontecem constantemente.

Sendo assim, Biderman (2001) distingue dois tipos de neologia: o neologismo conceptual e o neologismo formal. O neologismo conceptual se refere à ampliação de um campo semântico através de novas conotações. Para explicar melhor, a autora toma em particular o caso do termo “comunidade”, que foi recebendo novas conotações com o passar do tempo, passando a designar várias áreas do conhecimento. Ela cita, também, o exemplo das gírias, que são uma criação popular motivada por fatores diferentes.

Já o neologismo formal, nas palavras da autora, é caracterizado pela introdução de uma palavra nova no idioma, podendo ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro. Constituem-se neologismos vernáculos: *antipoluinte, arenista, empresariado, desaceleração, feminismo, feminista, machismo, machista*. O neologismo pode apresentar-se também como uma lexia complexa: aparelho de ar condicionado, avião supersônico, balança comercial.

Além dos exemplos apresentados, Biderman (2001) destaca ainda o caso das expressões idiomáticas, como é o caso de “*estar biruta*” e “*não querer papo*.” De acordo com a autora, essas expressões podem ou não se incorporarem à linguagem da comunidade. Quando se refere às gírias, a autora explica que elas nascem da busca de maior expressividade, podendo ser motivadas por fatores diversos e usadas por diferentes grupos sociais.

O neologismo formal são os empréstimos estrangeiros e nessa categoria, Biderman (2001) explica que se incluem lexemas das mais variadas procedências: anglicismos, galicismos, latinismos, italianismos. No português brasileiro, os galicismos (termos de origem francesa) representam uma grande quantidade, mas são os anglicismos (termos de origem inglesa) que prevalecem sobre todos os outros. São exemplos de galicismos: *ateliê* (atelier), *bufê* (buffet), *ballet* (bal-

let). São exemplos de anglicismos: *coquetel* (cocktail), *estoque* (stock), *filme* (film).

Dessa forma, Biderman (2001) considera que os estrangeirismos passam por fases de adaptação: decalque, adaptação fonética e ortográfica e incorporação do vocabulário com a mesma grafia e fonética. Essas fases serão detalhadas na sessão sobre os estrangeirismos lexicais. Por ora, vale ressaltar que o neologismo, uma vez criado, pode ser usado, rejeitado ou adaptado e que o processo de dicionarização, ou seja, o aparecimento dessa palavra no dicionário, pode indicar a continuidade de seu uso. Contudo, o processo de dicionarização só ocorre quando o uso do vocabulário é aceito pela comunidade linguística.

A definição apresentada por Carvalho (2009) em relação à neologia de empréstimos assemelha-se à de Biderman (2001), no sentido de que ambas compreendem que toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, que resultam em dois processos: o primeiro equivale ao processo de criação dentro da própria língua e o segundo ao processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira.

Carvalho (2009, p. 35) explica que quando o falante utiliza a língua, ele pode perceber a presença de termos ultrapassados e as criações novas que são chamadas de neologismos. De acordo com a autora, os neologismos criados têm o objetivo de oferecer conceitos sobre o mundo e acompanhar a evolução humana. Entretanto, Carvalho (2009) distingue estrangeirismos de empréstimos, pois considera que a introdução de um termo em um idioma consta de quatro fases e o empréstimo corresponde à adaptação de qualquer tipo de estrangeirismo existente numa língua:

O empréstimo constitui-se na fase de instalação e adaptação do termo. O termo pode ser adotado, rejeitado ou substituído. Em português, a terminologia do futebol exemplifica esses casos. O jogo (*football*) existia na Inglaterra: as palavras estrangeiras foram introduzidas no Brasil com o esporte. A seguir algumas tornaram-se empréstimos adotados e adaptados: futebol, gol, pênalti. Outras, embora adotadas inicialmente, foram rejeitadas: goal keeper (goleiro), center forward (ponteiro), back (zagueiro) (CARVALHO, 2009, p. 57).

De acordo com a explicação de Carvalho (2009), a entrada de um termo estrangeiro em uma língua acontece pela necessidade de uso de um vocábulo de uma língua *A* que não existe em uma língua *B*, e o empréstimo pode ser adaptado ou rejeitado. No caso dos termos que permanecem escritos na sua forma vernácula, como é o caso das palavras *show* e *best seller*, serão sentidos como estranhos ao idioma, mas pela aceitação da comunidade linguística permanecem bem adaptados aos hábitos linguísticos do português.

Nessa conjuntura, Alves (1994) salienta que o processo de renovação lexical de uma língua não para, ocasionando a criação de algumas palavras e o desuso de outras. Ao processo de criação lexical, a autora dá o nome de “neologia”, e à nova palavra criada, “neologismo”. Segundo a autora, a neologia pode acontecer com palavras de uma mesma língua ou com palavras de outro sistema linguístico. Ela divide os neologismos em quatro tipos: neologismos fonológicos, neologismos sintáticos, neologismos semânticos e neologismos por empréstimos.

Dentro dessa divisão, Alves (1994, p. 11), explica que os *neologismos fonológicos* – referem-se a

¹Nas discussões acerca da neologia de empréstimos, seguiremos a definição de palavra de acordo com o apontamento teórico de Leffa (2000, p. 19) que concebe palavra como um feixe de possibilidades, oferecendo ao texto inúmeras opções de significado, embora impondo também suas normas e restrições de uso.

uma criação inédita, ou seja, criado sem base em nenhuma palavra já existente. Os exemplos mais comuns são as criações onomatopaicas, representadas pelos sons e ruídos produzidos por animais e objetos. Os *neologismos sintáticos* são formados pela combinação dos elementos já existentes na língua; os *neologismos semânticos*, também chamados de conceptuais, são neologismos criados sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes e podem ocorrer por meio de processos estilísticos da metáfora, da metonímia e da sinédoque. Em “surfista ferroviário”, por exemplo, na palavra surfista aparece implícita uma criação semântica.

Por fim, Alves (1994, p.72) explica que *neologismo por empréstimo* são formações que possuem em sua estrutura palavras ou elementos morfológicos estrangeiros. O estrangeirismo, à primeira vista, é sentido como estranho, mas aos poucos passa a ser empregado na imprensa brasileira, buscando uma autenticidade local. A autora explica que há uma grande gama de estrangeirismos empregados em textos técnicos: esportes, economia, informática e ainda em textos publicitários e colunismo social.

Em se tratando da *neologia por empréstimos*, não se pode negar a influência de outros povos e culturas na criação de palavras novas. No caso da língua portuguesa, o francês foi uma língua que exerceu grande influência, visto que no momento de auge político e intelectual da França, muitas palavras francesas foram incorporadas ao português. Quanto à influência inglesa e norte-americana, verifica-se a presença de palavras inglesas que entraram no português acompanhando a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra e permanecem devido à influência econômica e cultural dos Estados Unidos, bem como, as inovações científicas e tecnológicas que são permanentes na sociedade contemporânea.

Ferraz (2006) também ressalta que a neologia pode ocorrer com palavras de uma língua e com palavras de outro sistema linguístico. Ao definir o conceito de neologia, o autor explica que se trata de um processo linguístico que consiste em produzir formas e significados inéditos no léxico de uma língua. Ele explana, ainda, que o léxico de uma língua para incorporar unidades novas recorre a três mecanismos, sendo eles: a) a neologia formal – que consiste na criação de palavras a partir do próprio sistema linguístico; b) a neologia semântica – que consiste em atribuir novos sentidos a uma palavra já existente no sistema linguístico e c) a neologia de empréstimos – que consiste na importação e utilização de um termo de outro sistema linguístico, que pode ser adaptado ou rejeitado.

No que se refere à *neologia de empréstimos*, Ferraz (2006), elucida que:

tal palavra estrangeira, usada em outro sistema linguístico, é logo percebida como externa ao vernáculo dessa língua, caracterizando-se por um estrangeirismo. Enquanto está na fase de novidade, o elemento estrangeiro ainda não incorporou-se definitivamente ao léxico da língua receptora. Este estrangeirismo é então sentido como um neologismo no novo sistema linguístico. Tal neologismo poderá integrar-se ao conjunto lexical do idioma receptor, caracterizando-se por um empréstimo lexical (FERRAZ, 2006, p. 226).

Desse modo, palavras novas são formadas envolvendo formações originais do sistema linguístico de uma língua ou adotando empréstimos lexicais de outros sistemas. O autor encontra no dicionário de língua um instrumento de apoio teórico relevante e elucida que os critérios diacrônico e psicológico são importantes para determinar a inclusão de um item lexical como unidade neológica. Enquanto o critério

diacrônico se baseia na data de aparição da palavra no dicionário de uma língua, o critério psicológico se baseia no sentimento de novidade que um grupo demonstra ao usar determinadas palavras. A exemplo disso, Ferraz (2006, p. 224) esclarece que realizar um inquérito para verificar o nível de frequência de um conjunto de palavras pelos seus usuários não seria uma tarefa fácil.

Assim, diante do que Ferraz (2006) explica sobre o critério de comprovação do aparecimento de unidades lexicais numa seleção de dicionários de língua, compreende-se que as unidades não dicionarizadas são consideradas neologismos lexicográficos. O autor conclui que tanto o critério diacrônico quanto o psicológico são difíceis de serem aplicados. A dificuldade de aplicação do primeiro consiste na questão da atualização dos dicionários e, do segundo, por compreender uma diversidade muito grande de palavras sendo usadas por diferentes usuários da língua.

As definições apresentadas por Ferraz (2006), nos levam a refletir sobre a criação das palavras e o caminho que elas percorrem até serem dicionarizadas e as razões pelas quais outras tantas não conseguem esse feito. Desse modo, podemos ter noção da importância da lexicografia, ciência da elaboração de dicionários e do lexicógrafo, aquele que deve fazer um trabalho de reflexão constante sobre os usos linguísticos efetivos, mas sem incentivar ninguém a qualquer desqualificação.

Com base nessas explicações, entendemos que a *neologia de empréstimos* está diretamente relacionada à importação de palavras que entram na língua para atender às necessidades de seus falantes, seja na área da ciência, da tecnologia, informática ou outras. De modo que, como salienta Carvalho (2009) a criação de um termo semelhante na nossa língua demandaria tempo e elaboração, o que não se aplica à urgência de uso dessas palavras.

Percebemos essas ocorrências na linguagem escrita atestada nos textos científicos, publicitários e na imprensa escrita, como exemplo disso, temos as palavras usadas no cenário atual para referir-se à pandemia do coronavírus. As principais manchetes e noticiários do Brasil e do mundo estão usando palavras como *drive thru*, *lockdown*, *home office*, *delivery*, *fake news*, *home school*, *live*, para expressar uma realidade que é de todos e em esfera mundial.

Podemos perceber também que, quando se importa um termo, a cultura do país ao qual esses termos têm origem está arraigada, sendo impossível desvincular língua e cultura. Ademais, a presença de empréstimos lexicais em uma língua não é privilégio do presente, eles fazem parte da história evolutiva das línguas e devem ser investigados quando se estuda uma língua, sendo ela materna ou estrangeira.

2. O trabalho com estrangeirismos em sala de aula

Pensando nas inúmeras vertentes possíveis para o trabalho com estrangeirismos em sala de aula, começamos realçando a abundância de palavras inglesas presentes no vocabulário português do Brasil que, acabam sendo associadas ao processo conhecido por colonização cultural. Destacamos nesse cenário a influência política, tecnológica e científica norte-americana nos comportamentos e falares dos brasileiros. Essa presença abundante dos anglicismos na nossa língua gera polêmicas a respeito do uso indiscriminado deles no cotidiano.

Com base no constante uso dos estrangeirismos na língua portuguesa, especialmente dos anglicismos, em setembro de 1999 houve uma proposta de Lei que tramitava na Câmara dos Deputados, de autoria do deputado federal Aldo Rebelo, que declarava lesivo ao patrimônio cultural brasileiro “todo

e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira” (art. 4, Lei nº 1676/99). Apesar desta proposta muitos linguistas se manifestaram argumentando a incoerência contida em tal projeto, enfatizando que as línguas evoluem e como ocorre o processo histórico de formação de palavras novas.

De acordo com Garcez e Ziles (2001), estrangeirismos no caso do português brasileiro, seriam o uso de palavras e expressões estrangeiras na língua, o que se trata de um fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas. Eles explicam que a noção de estrangeirismo “confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que origina o empréstimo” (GARCEZ e ZILLES, 2001, p. 15).

Levando em consideração esse contexto e tendo consciência de que o intercâmbio tecnológico e cultural entre os povos é inevitável e que a língua inglesa – dada a hegemonia dos EUA na sociedade contemporânea – assumiu um papel de grande importância para a inserção de uma pessoa dentro desse mundo globalizado, é que incluímos o contexto do estudo dos estrangeirismos. O pressuposto é de que tais estudos constituem um meio de levar o aluno a ter contato com outros povos e buscar novos conhecimentos, ampliando assim seu acervo lexical e sua capacidade comunicativa, leitora e escrita para compreender as novidades do mundo moderno.

Dentro desse contexto, o estudo dos estrangeirismos aparece no currículo bimestralizado do 1º ano da 3ª etapa da EJA enfatizando dentre outros propósitos: compreender o seu uso, identificar o significado de palavras desconhecidas inseridas no contexto da língua materna, analisar e refletir sobre o uso e funcionamento da língua em textos e contextos diversos, tendo em vista o aprimoramento do aluno como leitor, ouvinte, falante e escritor.

Esta última expectativa de aprendizagem mencionada, nos instiga a pensar nas possibilidades de trabalho, levando em conta os contextos diversos de ocorrência dos estrangeirismos. Considerando situações concretas de aprendizagem, esses contextos podem estar relacionados com a diversidade de textos autênticos que circulam em nosso meio e que estejam próximos da realidade de vida dos alunos.

Tendo consciência da presença considerável dos anglicismos na língua portuguesa, não se pode deixar de explorar em sala de aula o significado destes, sendo estas uma oportunidade de mostrar o significado da palavra no seu contexto original. Já a respeito da presença dos anglicismos nas linguagens técnicas, Schmitz (2001, p. 99) também se posiciona alegando que “seria de grande utilidade, sem dúvida identificar os estrangeirismos e sua frequência nos textos técnicos”.

Seja em diferentes tipos de textos, compreender e identificar o significado das palavras condiciona também o desenvolvimento da competência lexical no âmbito textual. Conforme explicitado por Antunes (2012), ao trabalhar o léxico o professor deve explorar aspectos de coesão e coerência textuais.

Nesse contexto, não se pode esquecer que o léxico está sempre relacionado com aspectos culturais, pois compreender uma palavra significa entender a sua relação com a cultura de um povo. Na perspectiva de estudo dos estrangeirismos é de grande relevância entender que o significado da palavra está relacionado a uma cultura, que não conhecemos, daí a importância do uso do dicionário bilíngue ou monolíngue como apoio para a compreensão geral do texto. Para Ferraz (2006, p. 223), “o dicionário é tradicionalmente considerado um representante fiel da norma lexical e dos recortes socioculturais expressos no léxico”.

Diante disso, consideramos que o dicionário deve ser consultado quando o aluno tiver dúvidas sobre o significado de uma palavra no contexto, pois conforme as definições de Leffa (2000) as palavras não são vazias de significado e dentro de um texto o entendimento de uma palavra faz muita diferença, principalmente quando o significado desta implica conhecer aspectos culturais de outros povos.

É válido ressaltar que no âmbito do estudo dos estrangeirismos, tendo em vista o aprimoramento da competência lexical do aluno, Carvalho (2009, p. 76) explica que “a terminologia estrangeira chega ao falante comum a princípio pela língua escrita, passando à língua oral”. E também lembra que “o termo é assimilado a princípio como estrangeirismo, elemento da fala, e a seguir alcança a dimensão de empréstimo, elemento da língua.” (CARVALHO, 2009, p. 76).

Na atualidade, isso pode ser trabalhado por meio de textos autênticos que informam a população a respeito do coronavírus. A presença dos anglicismos nesses textos atuais constitui um exemplo muito claro de que palavras como *lockdown*, *home office*, *fake news*, *home school*, *drive thru*, dentre outras, estão entrando na língua portuguesa como estrangeirismos por meio da língua escrita e, conforme explicou Carvalho (2009) se alcançarem a dimensão de empréstimos se constituirão como elemento da língua.

Além disso, Contiero e Ferraz (2014, p. 51) explicam que “os estrangeirismos lexicais, presentes não só nos domínios do discurso escrito, mas no oral, devem ser explorados na sala de aula, de modo a trazer questionamentos, formulação de hipóteses, pesquisas, leituras”.

Sendo assim, apresentaremos a seguir a metodologia adotada neste trabalho, levando em consideração as discussões dos autores abordados até aqui.

3. Metodologia

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste trabalho foram os seguintes: a princípio, fez-se uma pesquisa documental para entender a proposta de ensino do léxico em sala de aula. Constatou-se que de acordo com os documentos oficiais, tais como nos PCNs (1998) e na BNCC (BRASIL, 2018), os estudos do léxico devem estar centrados no texto. Então, verificou-se a frequência de ocorrência de estrangeirismos na linguagem escrita.

Dessa maneira, visando trabalhar os estudos do léxico estrangeirismos como um componente da textualidade, levantou-se as expectativas de aprendizagem para o ensino dos estrangeirismos presentes no currículo da EJA. Assim, constatou-se que as expectativas de aprendizagem estão apresentadas por um eixo condutor: a compreensão e produção de diferentes gêneros discursivos.

Para cumprir essas expectativas de aprendizagem, o livro didático “Linguagens e culturas: linguagem e códigos: ensino médio: educação de jovens e adultos” (ALMEIDA *et al.*, 2013), traz um capítulo destinado ao estudo dos estrangeirismos. Essas atividades são direcionadas para o 1º semestre da 3ª etapa (equivalente a 1ª série do ensino médio regular).

Com base nessas informações, identificamos que o livro didático em questão apresenta os exercícios sobre estrangeirismos subdivididos em quatro grupos. O primeiro grupo tem o objetivo de despertar o aluno para a presença dos estrangeirismos na língua portuguesa. O segundo intenciona verificar a origem das palavras presentes em nosso cotidiano, constatando-se assim o dinamismo da língua.

O terceiro grupo relaciona-se à pesquisa de vocabulário e tem a finalidade de mostrar a ocorrência dos estrangeirismos dentro do texto. Os gêneros discursivos trabalhados nessa sessão são: publicitários, literário e o que os autores chamam de gêneros didáticos. Há ainda

um quarto e último grupo em que se propõe um debate sobre o uso dos estrangeirismos, especialmente dos anglicismos e suas implicações ao longo dos tempos.

Constatadas e explicitadas as subdivisões a respeito do estudo dos estrangeirismos no referido capítulo do livro didático em questão, levou-se em consideração na escolha das atividades a serem analisadas, além da leitura dos documentos oficiais e do levantamento das expectativas de aprendizagem presentes no currículo da EJA, a realização de uma revisão de literatura detalhada sobre o que os autores consideraram importante a ser trabalhado em sala de aula sobre o estudo dos estrangeirismos na textualidade. Logo, a escolha das atividades foi feita considerando a ocorrência dos estrangeirismos nos gêneros discursivos encontrados no capítulo em questão.

Como alguns gêneros são citados apenas como propósito de leitura e observação da ocorrência dos estrangeirismos em circunstâncias aleatórias, optamos por analisar as atividades em que os estrangeirismos aparecem contextualizados no gênero literário. Nessa proposta há atividades de leitura e produção de texto, que consideramos apresentar aspectos relevantes em consonância com o nosso referencial teórico.

Assim, com base em todos esses apontamentos, a análise será feita com o intuito de identificar lacunas existentes nas atividades sobre os estrangeirismos como componente da textualidade.

A seguir, faremos a apresentação do livro didático, com foco para as atividades do capítulo sobre os estrangeirismos lexicais, empreendendo nossas análises conforme explicitado em nossos objetivos de pesquisa.

4. Apresentação do livro didático e do capítulo estrangeirismos

Começamos então, apresentando a coleção. Trata-se da última coleção de livros recebida nas escolas da rede pública de ensino para a EJA 3ª etapa do Ensino Médio é a Coleção Viver, Aprender, organizada em três áreas do conhecimento. Cada área está apresentada em um volume específico, multisseriado e interdisciplinar, abrangendo quatro componentes curriculares. O volume da área Linguagem e Códigos apresenta os conteúdos de Arte, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna (Língua Espanhola e Língua Inglesa).



Figura 1. Coleção Viver, Aprender (Fonte: Disponível em: <<https://grupoeditorialglobal.com.br/catalogos>>. Acesso em: 14 jul. de 2022

O livro didático analisado faz parte da Coleção Viver, Aprender Linguagens e Códigos- Ensino Médio, volume único para a Educação de Jovens e Adultos, último PNLD 2014 a 2016, da Editora Global, dos seguintes autores: HADDAD, Clara; CABRAL, Isabel Cristina Martelli; TALLEI, Jorgelina; SILVA, Lílian Lisete Garcia

da; CASARIN, Márcia Lygia; SILVA, Márcia Regina; GUERRA, Maria Terezinha Teles; ALMEIDA, Neide Aparecida de; ROMANIW, Sueli Aparecida.

Após mencionar as especificidades da EJA, o Capítulo 1 que corresponde ao estudo dos estrangeirismos é apresentado da seguinte forma:

Capítulo 1

Estrangeirismos

Por que ensinar uma língua estrangeira? Por que a escolha de ensinar e aprender inglês? Certamente você, professor de língua estrangeira, especialmente a inglesa, já deve ter se questionado inúmeras vezes a respeito, como também seus alunos o farão.

O objetivo deste capítulo é provocar uma reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de um idioma distinto do materno e sobre a opção pela língua inglesa, inserindo o assunto em um contexto mais amplo. Nosso desejo é demonstrar que o idioma inglês não é um conhecimento inteiramente novo e inatingível para os alunos de ensino médio da EJA.

[...]

As atividades delineadas para este capítulo visam situar o aluno em relação ao novo aprendizado, considerando-se as controvérsias que permeiam o tema e a presença inegável dos estrangeirismos, principalmente os anglicismos, em nosso contexto cultural.w

Figura 2. Unidade 2: Línguas Estrangeiras no Brasil (Fonte: Comentário específico do capítulo 1, Linguagens e Códigos Ensino Médio, 2013).

A nosso ver, é importante que o livro didático traga atividades que mostrem aos alunos que eles estão em contato com a língua inglesa em muitos momentos da sua vida cotidiana, fazendo com que eles entendam a importância do estudo dessa disciplina.

Em consonância com as propostas contidas no currículo, a compreensão dos estrangeirismos inseridos em contextos de nossa língua materna deve ser um objetivo a ser atingido. De acordo com os autores, as atividades delineadas para esse capítulo visam a situar o aluno em relação ao novo aprendizado, considerando a presença inegável dos estrangeirismos, principalmente dos anglicismos em nosso contexto cultural.

Em Almeida *et al.* (2013), divide-se os estudos sobre estrangeirismos em quatro sessões. Dentro da sessão **Pesquisar III** estão as atividades selecionadas para a pesquisa de vocabulário de algumas áreas da vida cotidiana nas quais a presença de palavras de origem inglesa é bem significativa. Desse modo, Almeida *et al.* (2013) propõem a identificação e a compreensão de palavras estrangeiras inseridas em contextos da língua materna, estando presentes nos gêneros: publicitário, literário e no que a autora chama de textos didáticos. Almeida *et al.* (2013) sugerem o uso de dicionário bilíngue, caso seja necessário.

Tendo em vista que o ensino de línguas está pautado na compreensão e produção dos gêneros discursivos, conforme preconizam os PCNs (BRASIL, 1998), o currículo bimestralizado do estado de Goiás e mais recentemente os pressupostos da BNCC (BRASIL, 2018), analisaremos as atividades que abordam a sessão pesquisar III do livro didático, onde se encontram os exercícios selecionadas para o estudo de vocabulá-

rio presentes em textos. Faremos isso com o objetivo de perceber como o estudo dos estrangeirismos por meio dos gêneros discursivos permitem o desenvolvimento da competência lexical como um componente da textualidade. Com base nos aspectos apresentados, empreendemos a análise das atividades escolhidas, buscando identificar os aspectos positivos e negativos em relação às teorias adotadas para este estudo.

Áudio 2

1. Para começar, leia o texto de autoria de Ronaldo Cunha Lima:

Fui ao *freezer*, abri uma coca *diet*; e sai cantarolando um *jingle*, enquanto ligava meu *disc player* para ouvir uma música *new age*.
Precisava de um *relax*. Meu *check-up* indicava *stress*. Dei um *time* e fui ler um *best-seller* no *living* do meu *flat*. Desci ao *playground*; depois fui fazer o meu *cooper*. Na rua, vi novos *outdoors* e reví velhos amigos do *footing*. Um deles comunicou-me aquisição de uma nova *maison*, com quatro suítes e até convidou-me para o *open house*. Marcamos, inclusive, um *happy hour*. Tomaríamos um *drink*, um *scotch*, de preferência *on the rocks*. O *barman*, muito *chic*, parecia um *lord* inglês. Perguntou-me se eu conhecia o novo *point society* da cidade: *Times Square*, ali na Gilberto Salomão, que fica perto do *Gaf*, da *La Basque* e do *Baby Beef*, com serviço *a la carte* e *self-service*. [...] Voltei para casa, ou, aliás, para o *flat*, pensando no *day after*. O que fazer? Dei boa-noite ao meu *chofer* que, com muito *fair-play*, respondeu-me: *good night*.

LIMA, Ronaldo Cunha. Novo milênio: a língua portuguesa e os anglicismos. Disponível em: <<http://novomilenio.inf.br/dioma/19981112.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

Nesse texto, cuja base é a língua portuguesa, Cunha Lima inseriu palavras em inglês para descrever uma passagem da vida cotidiana de uma pessoa mais madura, de classe média alta, que mora em alguma cidade grande. Podemos observar algumas palavras e expressões que já não são habituais em nossos dias e outras que ainda permanecem, mesmo entre os jovens. Os nomes próprios referem-se a locais de moda frequentados na época: *Times Square*, *Gaf*, *La Basque* e *Baby Beef*. Certas palavras e expressões presentes no texto são estrangeirismos adotados em determinadas épocas: *jingle* (música de propaganda), *disc player* (tocador de disco), *cooper* (método de ginástica, especialmente corrida), *footing* (passeio a pé, com o objetivo de encontrar pessoas), *maison* (casa, em francês), *open house* (casa aberta – termo usado para sinalizar que todos os amigos serão bem-vindos em determinada reunião social realizada na casa de alguém, independentemente de convite formal), *scotch on the rocks* (uisque com gelo), *point society* (ponto de encontro da sociedade), *new age* (estilo musical que surgiu nos anos 1960).

Verifique se alguém de seu grupo se lembra de ter usado ou ouvido algumas dessas expressões.

2. Circule no texto as palavras estrangeiras que são usadas em sua forma original ainda hoje. Busque seus significados e discuta com seu grupo os contextos em que elas são usadas, exemplificando.
3. Elabore, com os membros de seu grupo, uma lista de palavras estrangeiras usadas ao seu redor. Então, individualmente, redija um texto em português, utilizando alguns dos estrangeirismos de sua lista. A escolha do tema é livre, use sua criatividade.
4. Leia os textos produzidos por seus colegas. Um recurso muito prático é utilizar o *chain reading* (em português, “leitura em cadeia”). Os estudantes organizam-se em um grande círculo e, após lerem cada produção, passam-na para o colega que está imediatamente à sua direita. Todos já terão lido as redações quando o texto pelo qual você iniciou sua leitura voltar às suas mãos.

Figura 3. Exercício sobre estrangeirismo (Fonte: Almeida et al. (2013)).

Para início de análise, é importante frisar que a escolha do gênero literário está relacionada às expectativas de aprendizagens presentes no currículo bimestralizado da EJA, que tem como eixo temático: a compreensão e produção de diferentes gêneros discursivos em língua inglesa, dentre eles o gênero literário.

Nesse caso, a escolha do texto nos parece coerente com as propostas de estudo sobre estrangeirismos, considerando a presença marcante dos anglicismos na língua portuguesa brasileira. Será que a abordagem do gênero escolhido foi a mais efetiva? Discutiremos a seguir. Essa atividade parte da leitura e análise do texto a partir do uso de expressões que são reconhecidas como “antigas” ou “desusadas”. São elas: *jingle* (música de propaganda), *disc player* (tocador de disco), *cooper* (método de ginástica, especialmente corrida), *footing* (passeio a pé, com o objetivo de encontrar pessoas), *maison* (casa, em francês), *open house* (casa aberta – termo usado para sinalizar que todos serão bem vindos em determinada reunião social realizada na casa de alguém, independentemente de convite formal), *scotch on the rocks* (uísque com gelo), *point Society* (ponto de encontro da sociedade), *new age* (estilo musical que surgiu nos anos 1960). Essas expressões são pouco comuns na fala corrente, aparecem mais frequentemente na literatura como recurso de estilo. É importante que os alunos percebam isso no “texto literário” e façam essa correlação com as novas formações na linguagem cotidiana.

Ao propor a observação de expressões que não são mais usadas no nosso dia a dia, a orientação de socialização é um aspecto positivo, pois possibilita um melhor reconhecimento das palavras. A atividade leva em consideração a heterogeneidade etária e cultural do público da EJA.

Na atividade 2, ao destacar as palavras estrangeiras que são usadas em sua forma original ainda

hoje, os alunos são estimulados a perceber que alguns estrangeirismos se mantêm na sua forma de origem, conforme importados da língua receptora. Se essas palavras permanecem na língua há muito tempo, conforme mencionado na questão, elas provavelmente estarão registradas nos dicionários de língua portuguesa. São os casos das palavras: *happy hour*, *freezer*, *relax*, *check-up*, *self-service*, *flat* registradas nos dicionários Houaiss eletrônico 3 e Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa.

Por isso, acreditamos que antes dos alunos discutirem sobre o contexto dessas palavras, seria interessante verificarem o registro delas em pelo menos dois dicionários da língua portuguesa. Seria uma ótima oportunidade para explicar sobre a passagem de uma palavra de estrangeirismo a empréstimo e que isso leva um tempo considerável para acontecer. Alves (1994), explica que a língua vai acomodando o termo.

A atividade em questão propõe a busca dos significados das palavras e a discussão em grupo sobre o contexto em que elas são usadas. Compreende-se que a atividade procura mostrar que ideias, conceitos e técnicas são nomeados de acordo com a cultura proveniente. Conforme explica Alves (1994), não se pode adotar uma palavra desconsiderando o seu conceito. Nesse sentido, é importante destacar que o dicionário bilíngue representa um importante apoio teórico para o estudo dos estrangeirismos.

A atividade 3 propõe a elaboração de listas de palavras estrangeiras usadas ao redor. Acreditamos ser uma pesquisa que poderia ser realizada com tempo e depois apresentada em grupos destacando imagens e situações concretas em que esses estrangeirismos aparecem. Além disso, elaborar uma lista de estrangeirismos usados no cotidiano, implica destacar palavras de diversas procedências. Seria importante, destacar aquelas que são de procedência da língua

inglesa, enfatizando essa presença majoritária no português brasileiro.

A mesma atividade trabalha ainda o uso individual e social da língua. Ao solicitar a elaboração de listas em grupo, aborda o uso social da língua. Ao requisitar que os alunos redijam um texto individual usando os estrangeirismos, aborda o uso individual. Seria produtivo ter mencionado que os estrangeirismos compreendem o uso individual da língua, enquanto os empréstimos referem-se ao uso social.

No que se refere à produção de texto, tendo em vista que o currículo propõe a produção de diferentes gêneros discursivos, propor a elaboração de um texto utilizando estrangeirismos, cujo tema é livre nos parece muito inapropriado. É preciso levar em consideração vários aspectos na elaboração de um texto.

Bakhtin (1997) elucida que cada campo da atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados. Assim entendemos que as esferas sociais são muitas, o que faz com que sejam inúmeros os gêneros produzidos. Desse modo, como se pode solicitar a elaboração de um texto com tema livre, sem indicações contextuais. Ora, existem milhões de textos possíveis, escreva um texto implica inúmeras possibilidades.

Nesse sentido, é preciso levar em consideração aspectos importantes da construção do texto, tais como: a temática, o objetivo principal, a forma de composição específica do gênero, as convenções da escrita para o gênero e as demarcações das etapas de realização de construção de um texto. Antunes (2012), elucida que é preciso haver formulação clara e precisa na proposta de produção de texto, incluindo os seguintes questionamentos: a) escrever para quem; escrever para quê; escrever em que gênero de texto; escrever conforme o contexto em que o texto vai circular; escrever em que registro.

Considerando todos esses aspectos na produção do texto, a atividade 4 em que se propõe a leitura

em cadeia, com certeza, seria mais produtiva. Dessa maneira, a proposta de socialização das produções pode ser um aspecto positivo, relacionando o estudo dos gêneros discursivos ao estudo dos estrangeirismos, especialmente dos anglicismos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estrangeirismos representam um grande potencial a ser trabalhado em sala de aula, visto que são produtivos e recorrentes na língua portuguesa. No ensino aprendizagem de língua inglesa na EJA o estudo dos estrangeirismos por meio dos gêneros discursivos possibilita o estudo do léxico como um componente da textualidade e discussões acerca do funcionamento da língua e da polêmica que envolve o uso dos estrangeirismos na língua portuguesa brasileira.

Ao nos propormos a analisar as atividades sobre estrangeirismos presentes no livro didático da EJA, não podemos deixar de enfatizar o livro didático como um instrumento pedagógico importante disponível para o uso do professor. Também não podemos ignorar a carência de estrutura necessária para dinamizar as aulas, bem como laboratórios de informática com uma internet de qualidade, a disponibilidade de um *data show* para acessar diferentes conteúdos e realidades e até mesmo uma quantidade necessária de dicionários bilíngues, haja vista que a carência de material pedagógico na área de língua inglesa é ainda maior.

Não bastasse todas essas dificuldades, ainda há o problema da falta de professores habilitados para ministrarem aula de língua inglesa e a excessiva quantidade de aulas semanais. Levantadas essas especificidades, pudemos constatar que o livro didático em questão representa um apoio teórico importante e contribui muito para o andamento das aulas

de língua inglesa. O capítulo analisado sobre os estrangeirismos, enfatizando especialmente a presença marcante do inglês no português apresenta atividades que trabalham o estudo do léxico na sala de aula. E ainda que de forma tímida, procura mostrar aos alunos a ocorrência dos estrangeirismos nos gêneros discursivos que circulam em nosso cotidiano.

Ao analisarmos as atividades sobre estrangeirismos lexicais, enfatizamos a boa escolha do gênero literário para compor esse estudo, haja vista a importância de que os alunos tenham acesso a esse tipo de texto. Consideramos como positiva a abordagem do texto no que se refere à identificação dos estrangeirismos que caíram em desuso e o reconhecimento dos que foram incorporados tendo sua grafia adaptada à língua portuguesa, bem como daqueles que conservam sua forma original.

Percebemos no decorrer das atividades que os conceitos de estrangeirismo e empréstimo são trabalhados como sinônimos, o que pode gerar confusões, visto que a unidade linguística ao ser importada percorre um grande caminho até vir-se a consolidar como empréstimo. Nesse sentido, a verificação da ocorrência dessas unidades linguísticas em dicionários da língua portuguesa torna-se um critério mais objetivo a ser adotado.

Constatamos também a proposta de elaboração de listas de estrangeirismos presentes no cotidiano. A nosso ver, seria mais produtivo verificar a ocorrência desses estrangeirismos nos gêneros discursivos do cotidiano, relacionando assim outros gêneros ao gênero literário trabalhado. Consideramos positiva a maneira como as atividades propõem a socialização das respostas produzidas pelos alunos, pois essa ação enriquece o conhecimento sobre o assunto. Além disso, o uso de dicionários bilíngues é algo satisfatório, pois possibilita compreender o conceito da palavra e entender que língua e cultura são indissociáveis, visto que ao estudar a

língua de um povo, estamos adentrando em aspectos culturais que revelam a história, a tradição e o costume de vida construído ao longo de gerações.

Porém, dentre todos os aspectos analisados, o que mais nos chamou atenção foi a proposta de produção de texto. Depois da leitura e verificação dos estrangeirismos no texto literário, propõe-se aos alunos a escrita de um texto com tema livre. Acreditamos que é preciso aprimorar essas atividades no sentido de considerar que competência lexical está relacionada com a leitura e produção de texto. A escrita deve considerar todos os aspectos que abordam a produção de um texto, a começar pela escolha de um gênero.

Para trabalhar os estrangeirismos pensamos em atividades práticas e principalmente na escolha de um gênero que possa ser produzido pelos alunos, de forma a desenvolver a competência lexical como um componente da textualidade, contemplando a proposta de ampliação de estudo dos gêneros digitais em conformidade com a BNCC (BRASIL, 2018). A princípio, consideramos importante ampliar o campo de visão dos alunos a respeito da presença dos estrangeirismos em nosso dia a dia, bem como a procedência desses termos e a compreensão da distinção entre estrangeirismos e empréstimos.

Através deste trabalho com os estrangeirismos, buscamos mostrar que as atividades práticas devem explorar a consciência do poder de intervir no léxico, pois a cada dia ele sofre alterações, bem como os gêneros discursivos que se renovam continuamente para atenderem às necessidades dos seus falantes. Assim, deve ficar claro que quem manda na língua é o uso. São os falantes que determinam esse uso e a língua sendo flexível está relacionada ao uso que os falantes fazem dela.

Desse modo, toda atividade de linguagem está inserida numa interação social, construímos e produzimos textos orais e escritos que devem ser busca-

dos nos inúmeros gêneros discursivos da vida cotidiana. No mundo moderno, as práticas sociais cada vez solicitam e propõem a escrita, haja vista que o constante uso da internet, principalmente no que se refere à divulgação de informações nas redes sociais exigem das pessoas um constante uso da escrita.

Então, entendemos que apresentamos uma possibilidade de trabalho com os estrangeirismos

lexicais em sala de aula que, dentre tantas outras pode ser analisada e adaptada conforme a realidade de cada unidade escolar. Inclusive, nesse início de ano letivo de 2021 eu estou aplicando essa proposta em sala de aula e a resposta por parte dos alunos tem sido muito positiva. Acreditamos que outros trabalhos nessa perspectiva podem continuar sendo realizados.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, N. A. et al. **Linguagens e culturas**: linguagem e códigos: ensino médio: educação de jovens e adultos. 1 ed. São Paulo: Global, 2013.

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **Alfa**. São Paulo. vol 28 (supl.): 1 p. 19-126, 1994

ANTUNES, **Território das Palavras**: estudo do Léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

BAKHTIN, Ml. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCNs). Ensino Médio. Parte II. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CONTIERO, E. FERRAZ, A. P. A neologia de empréstimos no LDP uma abordagem a partir dos atos discursivos. In SIMÕES, D.; OSÓRIO, P. **Léxico**: investigação e ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, p. 45-49.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida T.C. de (org). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2006.

FERRAZ, A. P. Neologismos na publicidade impressa: processos mais frequentes no português do Brasil. In ISQUERDO, A. N. ALVES, I. M. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume III – Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

GARCEZ, P. M; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos, desejos, ameaças. In: FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.

LEFFA, V. J. **As palavras e sua companhia**: o léxico na aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2000.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade e gêneros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHMITZ, J. R. S. O Projeto de Lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.